

## **Algumas mudanças de género em curso no Português**

MARIA CARMEN DE FRIAS E GOUVEIA  
(Universidade de Coimbra)

As exigências e o ritmo acelerado do Mundo moderno raramente permitem ao falante comum de uma determinada língua, nos seus contactos diários com os outros falantes, tomar consciência da complexidade inerente a essa mesma língua. Isto é mais notório ainda no que se refere à categoria gramatical de género, pois unicamente nos damos conta da existência real de algumas dificuldades no seu emprego em situações particulares. Com efeito, uma sociedade como a actual, dominada pelo progresso, que vê abrirem-se diariamente novos horizontes ou oportunidades nunca antes sonhadas, exige uma frequente introdução de novos vocábulos, das mais variadas origens, ou a adaptação de outros já existentes. Por outro lado, a língua está sujeita à mudança, o que pode levar à alteração de género de uma palavra de uma época para outra.

Assim, apresentam-se aqui algumas considerações relativas à mudança de género gramatical de algumas palavras do Português contemporâneo, com base em exemplos colhidos na observação de registos cultos orais e escritos. Inicialmente tinha-se pensado utilizar também material obtido em obras literárias recentes, mas os dados recolhidos não foram suficientemente elucidativos relativamente ao aspecto em análise. Optou-se, então, por seleccionar material colhido em textos jornalísticos, decisões de tribunais e comarcas aí publicadas (Cf. Anexos) (1), bem como na observação de textos orais produzidos por falantes cultos da língua portuguesa.

Deste modo, consideram-se dois aspectos essenciais: as palavras que estão ou parecem estar a mudar de género; e um outro caso em que não se assiste propriamente a uma mudança de género mas sim a uma alteração do vocábulo já existente de modo a clarificar o sexo da pessoa a quem se refere. Trata-se do problema das novas profissões exercidas por mulheres, problema esse que levanta algumas questões de tipo linguístico, como a criação de femininos para palavras anteriormente invariáveis.

### Mudança de género de algumas palavras

Tendo presente que «a mudança é um facto sincrónico antes de se tornar diacrónico», como muito bem refere Muhammad Hassan Ibrahim (IBRAHIM, 1973, 22), ver-se-ão primeiramente alguns vocábulos que não têm género fixo (sendo, portanto, de género ambíguo ou duvidoso) e tendem a fixá-lo ou alterá-lo num futuro possivelmente muito próximo.

Antes, porém, e para melhor compreensão dessa mudança, é interessante recordar um ou dois exemplos da nossa história linguística que ilustram como a ambiguidade ou hesitação de género conduz à escolha por parte dos falantes de uma determinada forma em detrimento de outra, levando à alteração. Retenham-se os casos de *lebre* e *fim*, entre outros. O primeiro vocábulo, “*lepus*, - *oris*”, de género ambíguo em latim, embora mais frequentemente empregue como masculino, acabou por fixar-se como palavra feminina no português actual, depois de um período de hesitação que se documenta ainda no século XVI, em Jorge Ferreira de Vasconcelos: «cortando-lhe as pernas lançouas a *huma lebre* que junto delle estava...*Ho lebre* en as comendo era tal a peçonha...porque *ho lebre* en pouco espaço arrehentou » (VASCONCELOS, 104).

Relativamente a *fim*, “*finis*, - *is*”, de género hesitante em Latim, não obstante o facto de surgir essencialmente como masculino, conheceu igualmente um período longo em que essa ambiguidade se manteve. As *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, documentam o feminino no século XIII: «Par San Martin, / maestre, mui pret' e a uossa *fin* », (METTMANN, 1959, 17, 71). Um pouco mais tarde, no *Livro de Montaria* de D. João I, pode ler-se «A qual pusemos *no fim* » (PEREIRA, 1918, Prólogo, 3)

No século XVI é ainda vulgar encontrar o género feminino em João de Barros, Gil Vicente, Sá de Miranda, e até já recentemente em Castilho: « nas ondas traidoras achou *sua fim* » ( 2 ). O Português culto contemporâneo estabeleceu o género masculino mas a língua popular ainda há cerca de duas dezenas de anos conhecia o feminino: « É a *fim* do mundo! ».

O que leva a preferir um determinado género e a abandonar o uso de outro liga-se, em inúmeros casos, à escolha que o falante faz. Esta tem, muitas vezes a ver com outro factor essencial: a influência da terminação da palavra. Assim, os vocábulos terminados em - *o* são geralmente masculinos, os terminados em - *a* femininos, sendo os que não terminam desse modo os mais sujeitos a hesitações e ambiguidades, como vimos nos exemplos anteriormente dados.

No que respeita ao primeiro aspecto referido, já na língua portuguesa antiga a terminação da palavra influenciava a atribuição do género, como em « a *fantasma* ou a *profeta*, vocábulos que eram sentidos como femininos. A *Primeira Partida*, de Afonso X, documenta, por exemplo, « a *profeta* Dauit » ( FERREIRA, 1980, VIII, 204). Nos nossos dias, o mesmo está a ocorrer com *grama* e *amálgama*, verificando-se o uso do feminino

também em falantes cultos. É vulgar ouvir-se pedir « *duzentas gramas de fiambre* » ou dizer *uma amálgama*, ficando o género masculino etimológico cada dia mais esquecido.

Têm sido palavras de género hesitante (e, portanto, sujeitas a potencial mudança ou mesmo em que a mudança está a ocorrer ), entre outras, as já citadas *grama* e *amálgama* e também *apêndice*, *avestruz*, *diabetes*, *hélice*, *personagem* e *síndrome* .

Analisemos caso a caso:

- *amálgama*: palavra etimologicamente masculina, pela sua origem grega, foi dada com esse género no dicionário de Caldas Aulete ( AULETE, 1948) e como ambígua em Artur Bivar (BIVAR, 1948) e Domingos Vieira (VIEIRA, 1871), embora aí se afirme a preferência pelo masculino, tal como em *coma*, *sarcoma*, *axioma*, etc. A situação mantém-se hoje em dia, havendo tendência para uma mudança de género, devido à terminação do vocábulo, como se referiu acima.
- *apêndice*: etimologicamente de género feminino, é hoje mais frequentemente masculina. Os tratados de medicina dão-na como palavra masculina ( 3 ).
- *avestruz* : é igualmente uma palavra ambígua, sendo difícil atribuir-lhe um género definitivo (Se compararmos com outras línguas românicas, a forma é masculina em Espanhol e Italiano e feminina em Francês).  
Rodrigo de Sá Nogueira explica (NOGUEIRA, 1989) a formação do vocábulo da seguinte forma: um composto de “*avis*”, palavra feminina e “*struthio*”, masculina, criando-se, assim, a ambiguidade. O masculino parece ser cada vez mais frequente, podendo-se usar o artigo para diferenciar o sexo do animal ( *o* avestruz para o macho e *a* avestruz referindo-se á fêmea ).
- *diabetes*: etimologicamente feminino, o vocábulo surge como masculino nos dicionário de Domingos Vieira e Caldas Aulete e na Gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra (CUNHA, 1984, 198). É de género ambíguo para Artur Bivar e Cândido de Figueiredo, que defende o feminino em *Vícios da linguagem médica* (FIGUEIREDO, 1910). Hoje, os trabalhos de medicina dão o vocábulo como feminino ( 4 ).
- *grama*: deveria ser masculina ( e foi esse o seu uso normal até há alguns anos ) por ser esse o género das palavras de origem grega terminadas em – *ma*. Hoje é uma das palavras que tende a mudar de género, estando a generalizar-se o feminino, apesar de os dicionários de língua actuais a darem como masculina (COSTA, 1990).
- *hélice*: de género ambíguo em Aulete e Bivar. O masculino usa-se pouco e para significar o bordo da orelha. Relativo a barcos e aviões o feminino tende a

generalizar-se. A RTP, numa notícia divulgada no passado dia 24 de Setembro, utilizava esse género: «C-130 perde *uma hélice* em pleno voo».

- *personagem*: como as restantes palavras terminadas em –agem, de género hesitante em Português antigo mas actualmente femininas, deveria ser uma palavra feminina. Já Fernão de Oliveira ( 5 ) aconselhava o feminino para esse tipo de vocábulos. Alguns autores preferem o masculino por influência francesa, mas Cândido de Figueiredo dá essa forma masculina como “galicismo” (FIGUEIREDO, 1986). Depois de um período de hesitação o feminino parece ter-se fixado.
- *síndrome*: etimologicamente masculino, como *grama* ou *amálgama*, é ambíguo em Cândido de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1986). É palavra masculina em Francês e Espanhol, e parece ter-se fixado como feminina em Português, possivelmente pela influência da terminação. Confrontando o género do artigo usado com a sigla de Síndrome de Imuno – Deficiência Adquirida (SIDA) em Português (*a* SIDA) com *le* SIDA e *el* SIDA verifica-se em Português o artigo feminino e não o masculino. Este parece dever-se, no entanto, mais à influência da terminação da sigla que ao género de *síndrome* já que o falante comum desconhece o significado dessa sigla. No que se refere aos falantes cultos já é possível fazer a associação do género do artigo com o do vocábulo em análise ( 6 ).

Verifica-se, deste modo, que mesmo os falantes mais cultos se afastam da tradição da língua, sendo “contagiados” pelo uso comum, levando essa mudança sincrónica, sem dúvida, a uma alteração diacrónica.

Com vista a uma maior compreensão do fenómeno em curso, e consideradas que foram as suas circunstâncias históricas numa rápida comparação com a língua antiga, vejamos agora as principais motivações da mudança.

As motivações mais gerais de uma mudança de género ou a razão que leva a empregar um vocábulo como masculino ou feminino são, como aponta Ana Maria Echaide num trabalho sobre o género em Espanhol ( ECHAIDE, 1969, 92 ) as seguintes:

- distinção de sexo em palavras que designam pessoas, animais ou profissões;
- forma da palavra e, sobretudo, a sua terminação;
- conservação do género etimológico;
- analogia.

Se o facto de a terminação do vocábulo poder influenciar o género que se lhe atribui ficou demonstrado no caso das palavras *grama* ou *amálgama*, a conservação do género etimológico é mais nítida nos chamados “ puristas” da língua. Se, com efeito, essa conservação foi importante no português antigo, nem sempre se verificou sem excepções.

Basta lembrar o que sucedeu com as formas *apêndice* e *ágape* (etimologicamente femininas, hoje preferencialmente masculinas) ou ainda *laringe* (com masculino etimológico, mas actualmente de género feminino, com excepção do que ocorre no Português no Brasil).

As restantes motivações ligam-se ao aspecto que se considerará de seguida: uma breve reflexão sobre o problema das novas profissões exercidas por mulheres e tradicionalmente desempenhadas exclusivamente por homens, e onde nalguns casos se verifica uma tendência para marcar o género, para criar um feminino, tornando biformes palavras que eram normalmente de género único.

Trata-se, nestes casos, de um acontecimento sócio-cultural - a emancipação da Mulher - que veio originar um problema linguístico.

### **A expressão do feminino e a analogia**

Para solucionar o problema linguístico colocado pelo crescente acesso da Mulher a profissões que dantes lhe estavam vedadas, a língua dispõe de alguns mecanismos próprios, sendo os mais frequentes a oposição dos morfemas - o / -a, a oposição de  $\phi$  / - a (7) e a manutenção da palavra como invariável, fazendo-a preceder do determinante masculino ou feminino.

Num outro trabalho ( GOUVEIA, 1993 ), tive oportunidade de classificar os vários processos de indicar o género gramatical com base no vocabulário do *Português Fundamental* (8). Lembrar-se-ão aqui somente os que se relacionam com o assunto em análise, e que parecem confirmar a afirmação anteriormente feita sobre os processos mais produtivos.

De entre os 50 vocábulos que se relacionam com as profissões, 10 são invariáveis, sendo a relação género / sexo dada pelo determinante *o* ou *a* (artista, chefe, comerciante, electricista, guarda, guia, jornalista, juiz (9), policia e presidente); 21 formam o feminino pela oposição dos morfemas - o / - a (advogado, aluno, arquitecto, barbeiro, cabeleireiro, carpinteiro, criado, deputado, empregado, enfermeiro, engenheiro, funcionário, mecânico, médico, ministro, músico, operário, sapateiro, secretário, técnico e toureiro) (10); 16 expressam-no pela oposição  $\phi$  / - a (agricultor, camponês, director, doutor, escritor, escultor, jogador, juiz (11), locutor, pastor, pescador, pintor, professor, reitor, trabalhador e treinador). Muito menos produtivos são os casos de vocábulos que formam o género feminino através de morfemas derivacionais (no Português Fundamental só se regista o caso de actor / actriz), por processos morfo-fonológicos (patrão / patroa, com perda da nasalidade), por processos lexicais (frade / freira) ou palavras que funcionam como sobrecomuns. (12)

Uma nota impõe-se quanto a este último tipo : o *Português Fundamental* classifica o *árbitro* com « substantivo animado uniforme absoluto » (13). No entanto, recentemente tem-se assistido à formação de mulheres árbitros. Resta saber se não se passará um dia a

preceder a forma do determinante feminino, uma vez que, a forma feminina analógica parece improvável.

Como se procedeu, então, em Português com o acesso das mulheres a certas profissões que eram exclusivamente masculinas? Inicialmente, usava-se a designação habitual masculina, precedida do artigo feminino ou de *senhora*: no jornal *Novidades* de 1 de Março de 1956 pode ler-se «*a senhora Major da Aviação...*». Recentemente ainda (nos anos 80) designava-se a Engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo por «*a senhora Primeiro – Ministro*» ou simplesmente «*a Primeiro – Ministro de Portugal*». O mesmo sucedia com referência à sua homóloga britânica Margareth Thatcher.

É certo que, nalguns casos, a nossa língua não permite o uso da forma feminina porque esta existe já com outro sentido: por exemplo, soldado / soldada. Aí o artigo indicará o sexo como se lê no *Correio da Manhã* de 17 de Setembro do corrente ano («*a soldado Dália Santos*»). Noutro tipo de vocábulos a analogia será de evitar: um feminino do tipo *chefa* ou *presidenta*, para além de ferir a susceptibilidade linguística dos falantes cultos, pareceria tomar um sentido pejorativo.

Num mundo cada vez mais povoado por secretárias, professoras e enfermeiras (as profissões mais tradicionalmente ligadas à Mulher), engenheiras, consulesas e directoras-gerais, choca o facto de, por vezes, se encontrar nos textos emitidos por comarcas e tribunais nacionais o seguinte: «*o 3º ajudante, Maria Natália Oliveira*» (Cf. Anexos, texto 1), «*O escrivão, Maria Paula Valente*» (Cf. Anexos, 7), «*O Comissário..., Maria Alexandra Gouvêa*» (Cf. Anexos, 9), «*O oficial de justiça, Manuela Cabrita*» (Cf. Anexos, 16) ou «*O Juíz de Direito, Maria Manuela Lopes*» (Cf. Anexos, 16), etc. (14). Apesar de algumas hesitações (Cf. Anexos, textos 2/3 e 5/6, em que as mesmas pessoas assinam «*o ajudante*» e «*a ajudante*» e «*o escrivão*» e «*a escrivã*», respectivamente), só mais recentemente se vão encontrando *comissárias*, *escrivãs* e, cada dia mais frequentemente, *juízas*. Este vocábulo merece uma atenção muito especial por ser um dos que sofre ainda grande hesitação quanto ao modo de designar a mulher que exerce a profissão de juiz.

A criação analógica de *juiz* em *juíza* não é nova na língua. Já no século passado Camilo Castelo Branco utiliza esse feminino na sua obra *O Senhor Ministro*. Noutros casos, a *juíza* era a esposa do *juiz*, como a *embaixatriz* o era do *embaixador*, e a *general* a esposa do *general*, por exemplo. Nos últimos anos, a ascensão da mulher à Magistratura veio levar aos seguintes usos: «*uma mulher juiz*», «*a senhora juiz*», seguidamente «*a juiz*» (Cf. Anexos, 11 a 15), verificando-se actualmente uma enorme hesitação entre o uso da forma habitual do masculino precedida de determinante feminino e o uso da forma analógica *juíza* (Cf. Anexos, 17 a 24). Ao contrário do Brasil, que há muito acolheu com agrado este feminino analógico, em Portugal só aos poucos esta forma se vem estabelecendo na língua (15).

Após a análise de vários textos, alguns dos quais se encontram em anexo a este trabalho, observou-se que até 1987 o uso comum era *a juiz*, e «*Meretíssima juiz*» (Cf. Anexos, 11), surgindo, cinco anos mais tarde, alguma dúvida e oscilação no emprego dessa

forma, usando-a a par do feminino analógico *juíza* (Cf. Anexos, 12 e 17, por exemplo). A hesitação subsiste nos nossos dias: a título de exemplo veja-se o texto 23 (Cf. Anexos ) onde, depois de se iniciar o anúncio com « A Doutora Maria Inês Carvalho de Moura, *Juíza...*», se assina «*A Juiz de Direito...*». Noutros dois textos, encontra-se uma diferença entre o primeiro, produzido em Novembro de 1996 (assinado «*A Juiz*») e o segundo, de Abril de 1997, assinado *A Juíza* (Cf. Anexos, 13 e 19). Neste último caso, uma vez que se trata de textos produzidos pela mesma Magistrada e também assinados pela mesma escritã, poderá ou não tratar-se de uma mudança no uso da língua por parte das pessoas em causa.

Embora muito raramente, surge ainda um ou outro texto que mantém a fórmula tradicional « *O Juiz de Direito, Maria Manuela...* » (Cf. Anexos, 16).

### Conclusões

Com estas reflexões espera-se ter contribuído um pouco para chamar a atenção para o fenómeno da mudança de género que está em curso na língua portuguesa, e da qual muitas vezes não nos apercebemos. Um bom exemplo é o facto de algumas pessoas nos olharem com ar admirado se damos o género masculino à palavra *grama*, de tal modo o feminino é sentido pelos falantes como a forma comum.

Por outro lado, a mentalidade também evolui, à medida que sociedade se vai confrontando com novas vivências e oportunidades, sendo acompanhada pela própria língua que, paulatinamente, vai igualmente mudando. A preocupação crescente em deixar transparecer o sexo da pessoa que escreve ou fala, através da marca gramatical de género, é muito notória na passagem do uso de «*o escrivão, Maria Paula...*» ou «*a juiz*» a *a escrivã* e *a juíza*, uma vez que efectivamente esses cargos são abertos a ambos os sexos, ao contrário do que acontecia antigamente.

As alterações em curso farão com que a expressão de género que hoje conhecemos não seja exactamente a mesma no segundo quartel do próximo século. A comparação com o Português antigo prova, no entanto, que os processos utilizados na expressão ou formação do feminino ou a atribuição do género a um determinado vocábulo não diferem demasiado dos que conhecemos actualmente.

A própria língua (e os falantes) se encarregarão, neste caso e noutros, como sempre o fizeram ao longo dos tempos, de se adaptar às realidades que vão surgindo, preferindo uma forma em detrimento de outra, alterando o género de um vocábulo de modo a torná-lo mais expressivo segundo as necessidades do momento, criando formas analógicas, etc., contribuindo, assim, para a evolução que se anuncia quotidianamente. E, como noutros momentos da história linguística do Português, um período de oscilações e hesitações num determinado corte sincrónico leva, regra geral, a uma mudança diacrónica.

NOTAS:

1. Teve-se o cuidado de escolher material que abrangesse as várias regiões de Portugal Continental (Norte, Centro e Sul), num espaço temporal não muito vasto: os últimos dez anos (1987-1992-1997).
2. Citado por Cândido de FIGUEIREDO (1986, 1, 1206).
3. Cf. BEVAN (1986) e MORTEN (1992).
4. Cf. Nota anterior e SANTOS (1978).
5. Fernão de Oliveira (OLIVEIRA), embora não considere o vocábulo em causa, refere-se a «*femininos* como linguagem, linhagem e borragem» (cap. XLIV, p.144).
6. É interessante lembrar aqui o que ocorre com o desconhecimento do significado das siglas para a atribuição do género: diz-se «*um TAC*», por ser o género masculino o mais frequente em Português. A sigla significa “*Tumografia Axial Computorizada*”, pelo que o artigo a empregar deveria ser de género feminino.
7. Conclusões a que chegaram também Maria Tercza BIDERMAN (1974,93-96) e Maria Helena Mira MATEUS (1989,368).
8. *Português Fundamental* (1984,69.86). Neste trabalho classifica-se as palavras quanto ao género em animados biformes, animados uniformes absolutos e animados uniformes relativos. No estudo que efectuei (GOUVEIA,1993) não se segue esta classificação, mas sim outra, mais alargada, descrita nas páginas 118 a 120 do referido estudo e aplicada nos Anexos, páginas 178 a 209.
9. Este vocábulo, devido á hesitação a que está sujeito (uso da forma feminina analógica ou manutenção do género habitual precedido do determinante *a*) surge aqui classificado em dois tipos.
10. Na classificação feita preferiu-se considerar, ao contrário da fonte consultada, a forma feminina das profissões *sapateiro* e *toreiro*, embora menos comuns para mulheres, à semelhança de formas como *médico*, *ministro*, etc.
11. Cf. nota 9.
12. Em termos percentuais, os três processos mais frequentes são, respectivamente, a oposição de morfema - o/- a (42 %), a oposição  $\phi$  / - a (32%) e o uso do determinante a preceder a forma habitual do masculino (20%).
13. Cf. obra citada na nota 8, p. 69.
14. Note-se que o facto de se tratar de textos jurídicos, muito sujeitos a grande formalismo, pode levar a que, em certos casos a Magistrada ou funcionária assine sem qualquer preocupação de alterar as formulas tradicionais. De qualquer modo, parece evidente, nos últimos tempos, uma crescente preocupação em especificar o sexo da pessoa que exerce o cargo através da marca de género.
15. O facto de haver alteração prova, ao contrário do que Meillet defendia (MEILLET, 1982, 202- 203), que o género – longe de ser uma categoria inútil – é, pelo contrário, muito pertinente e está mesmo a ganhar importância.



BIBLIOGRAFIA:

- AFONSO X, *Primeyra Partida*. Ver FERREIRA.
- AFONSO X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*. Ver METTMANN.
- AULETE, F. J. Caldas (Feito sobre o plano de) (1948), *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 3ª edição actualizada. 2 vols. Lisboa (Parceria António Maria Pereira), 1948 e 1952. Vol. I
- BEVAN, Dr. James (1986), *O mundo da Medicina. Enciclopédia familiar*. (Resomnia Editores).
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1974), *A categoria do gênero*. 2 vols. Tese de Livre – Docência. São Paulo (FFLCH – USP), p. 93 – 96.
- BIVAR, Artur (1948), *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Coordenação de Manuel dos Santos Ferreira e Maria Vitória Garcia dos Santos Ferreira. 3 vols. I Parte: Dicionário geral (vols. I e II) e II Parte: Dicionário analógico (vol. III). Porto (Edições Ouro, Lda.) 1948, 1952 e 1958.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1975), *A gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de OLIVEIRA. Introdução, leitura actualizada e notas por... . Lisboa (Imprensa Nacional – Casa da Moeda).
- COSTA, J. Almeida e A. Sampaio e Melo (1990), *Dicionário da língua portuguesa*. Com a contribuição de um grupo de colaboradores especializados. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto (Porto Editora).
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley CINTRA (1984), *Nova gramática do português contemporâneo*, 2ª edição. Lisboa (Ed. João Sá da Costa), p. 198.
- ECHAIDE, Ana Maria (1969), *El género del sustantivo en espanhol: evolución y estructura*. In: *Iberoromania*. Neue Folge, vol. I, fasc. 1, Fevereiro de 1969, p.89 – 124.
- FERREIRA, José de Azevedo (1980), *Primeyra Partida*, Alphonse X. Edition et étude. Textos de Linguística, 3. Braga (Instituto Nacional de Investigação Científica), p. 204.
- FIGUEIREDO, Cândido de (1910), *Vícios da linguagem médica. Anotações morfológicas, fonéticas e sintácticas*. Lisboa (Livraria Clássica Editora).
- FIGUEIREDO, Cândido de (1986), *Grande dicionário da língua portuguesa*, 23ª ed. 2 vols. Vol. I: A a G, vol. II: H a Z. Venda nova (Livraria Bertrand Ed.).
- GOUVEIA, Maria Carmen de Castro Duarte de Frias e (1993), *Um aspecto de morfologia histórica: o gênero gramatical dos substantivos e adjectivos em português*. Trabalho de síntese (inédito)apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no âmbito das Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica.
- IBRAHIM, Muhammad Hassan (1973), *Grammatical Gender. Its origin and development*. La Haya-Paris, p. 22.
- D. JOÃO I, *Livro de Montaria*. Ver PEREIRA.

- MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês Silva DUARTE e Isabel Hub FARIA (1989), *Gramática da língua portuguesa. Elementos para a descrição da sua estrutura, funcionamento e uso do português actual*, 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa (Edições Caminho). P. 368.
- METTMANN, Walter (1959), *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X. Editadas por... 4 vols. Coimbra (Acta Universitatis Conimbricensis), 1959, 1961, 1964 e 1972. Vol. I.
- MEILLET, Antoine (1982), "*Le genre grammatical et l'élimination de la flexion*". In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Genève (Slatkine), Paris (Champion).
- MORTEN, Honor (1992), *Dicionário de enfermagem*. Revisto por Joan M. Martin. Tradução e revisão científica da edição portuguesa pelo Dr. Paulo Ramos. Lisboa (Publicações D. Quixote).
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1989), *Dicionário de erros e problemas de linguagem*, 3ª edição. Obras completas de Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa (Clássica Editora).
- OLIVEIRA, Fernão de - Ver BUESCU.
- PEREIRA, Francisco Maria Esteves (1918), *Livro de Montaria*, feito por D. João I, Rei de Portugal, conforme o manuscrito 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa por... Lisboa (Academia das Ciências).
- Português Fundamental* Vol. I: *Vocabulário e gramática*: tomo 1 – Vocabulário. Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), 1984, p. 69-86.
- SANTOS, J. Estêvão dos (1978), *A diabetes e os meios curativos naturais*. Lisboa.
- VASCONCELOS, Jorge Ferreira de (1867), *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, 2ª edição. Lisboa (Typographia Panorama).
- VIEIRA, Dr. Frei domingos (dos eremitas calçados de Santo Agostinho) (1871), *Grande dicionário portuguez ou thesouro da língua portugueza*. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. Porto (em casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes). Rio de Janeiro (A. A. da Cruz Coutinho), Pará (António Rodrigues Quelhas), 1871 (1º vol.), 1873 (2º, 3º e 4º vols.) e 1874 (5º vol.).

ANEXOS (\*):

**Texto 1**

« Adriano Barbosa de Azevedo, Limitada (...) Cartório Notarial de Mcalhada, vinte e três de Junho de mil novecentos e oitenta e sete . O 3º Ajudante, *Maria Natália* de Jesus Peixoto Oliveira» (*Diário de Coimbra*, 9-7-87)

**Texto 2**

«DUPLICENTRO Comércio de Equipamentos de Escritório, Limitada (...) . Quarto Cartório Notarial de Coimbra, no ano de 1987, mês de Julho, dia 23. A Ajudante , *Deolinda Maria* da Silva Torres Rodrigues Passeiro» (*Diário de Coimbra*, 28-7-87)

**Texto 3**

«SOFTIMBRA Engenheiros Construtores Limitada (...). No ano de 1987, mês de Agosto, dia 12, no Quarto Cartório Notarial de Coimbra. O Ajudante *Deolinda Maria* da Silva Torres Rodrigues Passeiro» ( *Diário de Coimbra*, 13-8-87)

**Texto 4**

«UTILCONSTRÓI-PROJECTO, CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO, LDA. (...) .PORTO [Cartório Notarial do Porto] , aos vinte e sete de Maio de mil novecentos e noventa e dois. A AJUDANTE , *Maria dos Anjos* Morais de Sousa » (*Jornal de Notícias*, 1-9-92 )

**Texto 5**

«(...) EDITAL E ANÚNCIO (...). Repartição de Finanças de S. João da Madeira, 92-08-11. (...) A ESCRIVÃ *Ana Cristina* Carvalho » (*Jornal de Notícias*, 1-9-92 )

**Texto 6**

«(...) EDITAL E ANÚNCIO (...) . Repartição de Finanças de S. João da Madeira , 92-08-12. (...) O ESCRIVÃO *Ana Cristina* Carvalho» (*Jornal de Notícias*, 1-9-92 )

**Texto 7**

«TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1ª INSTÂNCIA DO PORTO (...) 4º Juízo . ANÚNCIO (...) Porto , 24 de Agosto de 1992. O ESCRIVÃO *Maria Paula* de Moura Valente» (*Jornal de Notícias*, 10-9-92)

**Texto 8**

«GINOINFORMAÇÕES, PUBLICAÇÕES, LDA (...) . PORTO E SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL, vinte e cinco de Agosto de mil novecentos e noventa e dois . A Ajudante *Maria dos Anjos Morais e Sousa* » (*Jornal de Notícias*, 1-9-92)

**Texto 9**

«CONVIAL (...) ASSEMBLEIA GERAL DE SÓCIOS E CREDORES (...). Lisboa, 28 de Agosto de 1992. O COMISSÁRIO DO GOVERNO e presidente da comissão liquidatária *Alexandra Folque de Gouvêa*» (*Jornal de Notícias*, 1-9-92)

**Texto 10**

«9º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA. ANÚNCIO-2ª PUBLICAÇÃO (...). Lisboa, 15 de Julho de 1997(...) *A Escrivã-Adjunta*» (*Diário de Coimbra*, 24-7-97)

**Texto 11**

«TRIBUNAL JUDICIAL DE PENACOVA. ANÚNCIO-2ª PUBLICAÇÃO. A DOUTORA ALICE FERNANDA NASCIMENTO DOS SANTOS, *Meretíssima Juiz de Direito* (...). Penacova, 2 de Julho de 1987. A Juiz de Direito, *Alice Fernanda Nascimento dos Santos*» (*Diário de Coimbra*, 28-7-87)

**Texto 12**

«TRIBUNAL JUDICIAL DE VIANA DO CASTELO. ANÚNCIO (...). Viana do Castelo, 30 de Junho de 1992. A JUIZ DE DIREITO *Laura Maria Peixoto Goulart Maurício*» (*Jornal de Notícias*, 10-9-92)

**Texto 13**

«TRIBUNAL DE CÍRCULO E DE COMARCA DA FIGUEIRA DA FOZ. ANÚNCIO (...). Figueira da Foz, 27 de Novembro de 1996. A Juiz de Direito, *Rosa Pinto*. A *Escrivã-Adjunta*, *Manuela Tinoco*» (*A Voz da Figueira*, 20-3-97)

**Texto 14**

«TRIBUNAL JUDICIAL DE COIMBRA. ANÚNCIO (...). Coimbra 19 de Junho de 1997. A Juiz de Direito M. *Catarina Ramalho Gonçalves*» (*Diário de Coimbra*, 8-7-97)

**Texto 15**

«17º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA. ANÚNCIO – 1ª PUBLICAÇÃO (...). Lisboa, 97-09-15. A Juiz de Direito *Paula Paço*» (*Diário de Coimbra*, 18-9-97)

**Texto 16**

«TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MOITA. ANÚNCIO (...). 17/09/97. *O Juiz de Direito Maria Manuela Espadaneira Lopes. O Oficial de Justiça Manuela Cabrita*» (*Correio da Manhã*, 1-10-97)

**Texto 17**

«TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA NOVA DE CERVEIRA. ANÚNCIO (...). Vila Nova de Cerveira, 17 de Junho de 1992. *A Juíza de Direito Maria Luisa Serra Arantes*» (*Jornal de Notícias*, 10-09-92)

**Texto 18**

«TRIBUNAL DE CÍRCULO DE POMBAL. ANÚNCIO (2ª Publicação). *A DOUTORA TERESA MARIA RAMOS PRAZERES PAIS, Juíza do Tribunal (...)*. Pombal, 13 de Fevereiro de 1997. *A Juíza de Direito, Drª Teresa Maria Ramos Prazeres Pais*» (*A Voz da Figueira*, 20-3-97)

**Texto 19**

«TRIBUNAL DE CÍRCULO E DE COMARCA DA FIGUEIRA DA FOZ. ANÚNCIO (2ª Publicação) (...). Figucira da Foz, 14 de Abril de 1997. *A Juíza de Direito, Rosa Pinto. A Escrivã-Adjunta Manuela Tinoco*» (*A Voz da Figueira*, 15-5-97)

**Texto 20**

«TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MAIA. ANÚNCIO (...). Maia 30 de Junho de 1997, *A Juíza de Direito Anabela Andrade Miranda Tenreiro*» (*Jornal de Notícias*, 24-9-97)

**Texto 21**

«5º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA .ANÚNCIO (...). Lisboa, 15 de Setembro de 1997. *A Juíza de Direito Teresa de Sousa Henriques. A escriturária judicial Paula Cristina Pacheco*» (*Jornal de Notícias*, 24-9-97 )

**Texto 22**

«1º Juízo Cível do Porto-1ª Secção ANÚNCIO (...). Porto, 97. Setembro.16. *A Juíza de Direito Drª Paula Dória de Cardoso Pott*» (*Jornal de Notícias*, 24-9-97)

**Texto 23**

«TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA-12º Juízo. ANÚNCIO (...). *A DOUTORA Maria Inês Carvalho de Moura, Juíza de Direito (...)*. Lisboa, 22 de Agosto de 1997. *A Juiz de Direito Maria Inês de Carvalho de Moura. A Escrivã - Adjunta (Ass. Ilegível)* » (*Correio da Manhã*, 1-10-97)

**Texto 24**

«TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA-12º Juízo. ANÚNCIO (...). Lisboa, 97/9/15. A Juíza de Direito *Maria Inês Carvalho de Moura*. A *Escrivã-Adjunta Margarida Feliz Mourão*» (*Correio da Manhã*, 1-10-97)

(\*) Por razões técnicas não foi possível incluir nestas Actas as cópias dos textos extraídos dos Jornais como inicialmente se pensara. Assim, transcrevem-se somente as partes mais significativas e os dados que permitem localizar as respectivas fontes.